

## **Carta do Papa Francisco ao cardeal Peter K. A. Turkson pela realização da conferência internacional «*Da Populorum Progressio* à *Laudato Si'*»**

Venerável irmão

Senhor cardeal Peter K. A. Turkson

Prefeito do Dicastério para o Desenvolvimento Humano Integral

Nestes dias, os representantes de várias organizações sindicais e movimentos de trabalhadores reuniram-se em Roma, convocados pelo Dicastério para o Serviço do desenvolvimento Humano, a fim de refletir e debater o tema «*Da Populorum Progressio* à *Laudato Si'*: O trabalho e o movimento dos trabalhadores no centro do desenvolvimento humano integral, sustentável e solidário». Agradeço a vossa Eminência e aos colaboradores, e saúdo com carinho todos vós.

O Beato Paulo VI na sua encíclica *Populorum Progressio* disse que «o desenvolvimento [humano] não se reduz ao simples crescimento económico. Para ser autêntico, deve ser integral», isto é, promover toda a integridade da pessoa, e também a de todas as pessoas e povos [1]. E como «a pessoa floresce no trabalho» [2], a Doutrina social da Igreja enfatizou, repetidamente, que esta não é uma questão entre muitas, mas sim a «chave essencial» de toda a questão social [3]. Com efeito, o trabalho «não condiciona apenas o desenvolvimento económico, mas também o desenvolvimento cultural e moral das pessoas, da família, da sociedade» [4].

Como base para o florescimento humano, o trabalho é fundamental para o desenvolvimento espiritual. De acordo com a tradição cristã, isto é mais do que apenas uma função; É, acima de tudo, uma missão. Colaboramos com a obra criadora de Deus, quando por meio da nossa labuta cultivamos e custodiamos a criação (ver Gen 2,15) [5]; participamos, no Espírito de Jesus, da sua missão redentora, quando, através da nossa atividade, alimentamos as nossas famílias e atendemos às necessidades do nosso próximo. Jesus, que «dedicou a maior parte da sua vida terrena à atividade manual no labor do carpinteiro» [6] e dedicou o seu ministério público a libertar as pessoas da doença, do sofrimento e da própria morte [7], convida-nos a que sigamos os seus passos através do trabalho. Desta forma, «cada trabalhador é a mão de Cristo que continua a criar e fazer o bem» [8].

O trabalho, além de ser essencial para o florescimento da pessoa, também é a chave para o desenvolvimento social. «Trabalhar com os outros e para os outros» [9], e o fruto deste fazer «é uma ocasião de intercâmbio, de relações, e de encontro» [10]. Todos os dias, milhões de pessoas cooperam para o desenvolvimento através das suas atividades manuais ou intelectuais, em grandes cidades ou em áreas rurais, com tarefas sofisticadas ou simples. Todas são expressões de um amor concreto para a promoção do bem comum, de um amor civil [11].

O trabalho não pode ser considerado uma mercadoria ou um mero instrumento na cadeia produtiva de bens e serviços [12], mas porque é primordial para o desenvolvimento, tem preferência em relação a qualquer outro fator de produção, incluindo o capital [13]. Daí o imperativo ético de «preservar as fontes de trabalho» [14], para criar novas à medida que a rentabilidade económica aumenta [15], bem como para garantir a dignidade do mesmo [16].

Sem embargo, tal como advertiu Paulo VI, a mística do trabalho não deve ser exagerada. A pessoa «não é apenas trabalho»; Existem outras necessidades humanas que precisamos de

cultivar e cuidar, como a família, os amigos e o descanso [17]. É importante, pois, lembrar que qualquer tarefa deve estar ao serviço da pessoa e não a pessoa da tarefa [18], o que implica que devemos questionar as estruturas que prejudicam ou exploram pessoas, famílias, sociedades ou a nossa mãe Terra.

Quando o modelo de desenvolvimento económico se baseia apenas no aspeto material da pessoa, ou quando beneficia apenas alguns, ou quando prejudica o meio ambiente, gera um clamor, tanto dos pobres como da terra, que «reclama outro rumo.» [19] Este rumo, para ser sustentável, torna necessário colocar a pessoa e o trabalho no centro do desenvolvimento, mas integrando o problema do trabalho com a questão ambiental. Tudo está interligado, e devemos responder de forma integral [20].

Uma contribuição válida para esta resposta integral dos trabalhadores é mostrar ao mundo o que vocês tão bem conhecem: a conexão entre os três "T": terra, teto e trabalho [21]. Não queremos um sistema de desenvolvimento económico que encoraje os desempregados, nem sem teto, nem sem terra. Os frutos da terra e do trabalho são para todos [22], e «devem chegar a todos de maneira justa» [23]. Esta questão adquire relevância especial em relação à propriedade da terra, tanto nas áreas rurais como urbanas, e com as normas legais que garantem a ela o acesso [24]. E, nesta matéria, o critério da justiça por excelência é o destino universal dos bens, cujo «direito universal de uso» é «princípio fundamental de toda a ordem ético-social» [25].

É pertinente recordar isto hoje, quando em breve celebraremos o quinquagésimo aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, e também quando os direitos económicos, sociais e culturais devem ser percebidos com maior força. Mas a promoção e a defesa de tais direitos não podem ser feitos à custa da Terra e das gerações futuras. A interdependência entre o trabalho e o meio ambiente obriga-nos a repensar o tipo de tarefas que queremos promover no futuro e as que precisam ser substituídas ou transferidas, como, por exemplo, as atividades da indústria de combustíveis fósseis poluentes. É imperativo transferir a indústria energética atual para um patamar mais renovável de modo a cuidar da nossa mãe-terra. Mas é injusto que esta transferência seja paga com o trabalho e o teto dos mais necessitados. Ou seja, o custo de extrair energia da terra, bem comum universal, não pode cair sobre os trabalhadores e as suas famílias. Os sindicatos e movimentos, que conhecem a conexão entre o trabalho, o teto e a terra, têm a obrigação de contribuir nesse sentido.

Outra contribuição importante dos trabalhadores para o desenvolvimento sustentável é destacar outra ligação tripla, um segundo conjunto de três «T»: desta vez entre o trabalho, o tempo e a tecnologia. Em termos de tempo, sabemos que a «aceleração contínua das mudanças» e a «intensificação da vida e dos ritmos de trabalho», que alguns chamam de «rapidização», não contribuem para o desenvolvimento sustentável nem para a qualidade do mesmo [26]. Sabemos também que a tecnologia, a partir da qual recebemos tantos benefícios e oportunidades, pode dificultar o desenvolvimento sustentável quando está associada a um paradigma de poder, domínio e manipulação [27].

No contexto atual, conhecido como a quarta revolução industrial, caracterizado por esta tecnologia digital rápida, refinada, robótica e inteligência artificial [28], o mundo precisa de vozes como a vossa. São os trabalhadores que, na sua luta por um dia de trabalho justo, aprenderam a enfrentar uma mentalidade utilitária, de curto prazo e manipuladora. Para essa mentalidade, não importa se houver degradação social ou ambiental; não importa o que é usado

e o que é descartado; Não importa se há trabalho forçado de crianças ou se o rio de uma cidade está contaminado. Apenas ganhos imediatos são importantes. Tudo é justificado em termos do deus do dinheiro [29]. Dado que muitos de vocês contribuíram para combater esta patologia no passado, agora vocês estão bem posicionados para o corrigir no futuro. Peço-vos que abordem este tema difícil e nos mostrem, a partir da vossa missão profética e criativa [30], que uma cultura de encontro e cuidado é possível. Hoje não é apenas a dignidade do empregado que está em jogo, mas a dignidade do trabalho de todos, e da casa de todos, a nossa mãe terra.

Por esta razão, e como afirmei na Encíclica *Laudato Si'*, precisamos de um diálogo sincero e profundo para redefinir a ideia de trabalho e o rumo do desenvolvimento [31]. Mas não podemos ser ingênuos e pensarmos que o diálogo ocorrerá naturalmente e sem conflitos. Precisamos de agentes que trabalhem incansavelmente para gerar processos de diálogo a todos os níveis: ao nível da empresa, do sindicato, do movimento; ao nível do bairro, da cidade, região, nacional e global. Neste diálogo sobre o desenvolvimento, todas as vozes e visões são necessárias, mas especialmente as vozes menos ouvidas, as periferias. Conheço a ânsia de muitas pessoas de levar essas vozes à luz nos fóruns onde as decisões são tomadas sobre o trabalho. Peço-vos que se juntem a esta nobre tarefa.

A experiência diz-nos que, para que um diálogo seja frutuoso, é necessário partir do que temos em comum. Para discutir o desenvolvimento, é conveniente lembrar o que nos une: a nossa origem, pertença e destino [32]. Nesta base, podemos renovar a solidariedade universal de todos os povos [33], incluindo a solidariedade com os povos do futuro. Além disso, podemos encontrar o modo de sair de uma economia de mercado e de finanças, que não dá ao trabalho o valor que lhe corresponde e reorientá-la, assim, para fazer da atividade humana o centro [34].

Os sindicatos e os movimentos operários por vocação devem ser especialistas em solidariedade. Mas para contribuir para o desenvolvimento solidário, peço-vos que cuidem de três tentações. A primeira, a do individualismo coletivista, isto é, proteger apenas os interesses dos seus representados, ignorando o resto dos pobres, marginalizados e excluídos do sistema. É necessário investir numa solidariedade que transcenda os muros das vossas associações, que protejam os direitos dos trabalhadores, mas sobretudo os daqueles cujos direitos nem sequer são reconhecidos. Sindicato é uma palavra bonita que vem do grego *dikein* (fazer justiça) e *Syn* (juntos) [35]. Por favor, façam justiça juntos, mas em solidariedade com todos os marginalizados.

O meu segundo pedido é para que cuideis do cancro social que é a corrupção [36]. Assim como, em algumas ocasiões, «a política é responsável pelo seu próprio descrédito através da corrupção» [37], o mesmo acontece com os sindicatos. É terrível que a corrupção daqueles que dizem «sindicalistas», que concordam com os empreendedores e não estão interessados pelos trabalhadores deixando milhares de colegas sem trabalho; Este é um flagelo que mina as relações e destrói tantas vidas e famílias. Não deixem que interesses falsos destruam a vossa missão, tão necessária nos tempos em que vivemos. O mundo e toda a criação esperam com esperança a libertação da corrupção (cf. Rm 8,18-22). Sejam fatores de solidariedade e de esperança para todos. Não se deixem corromper!

O terceiro pedido é para que não se esqueçam do seu papel de educadores de educar consciência na solidariedade, no respeito e no cuidado. A consciência da crise do trabalho e da ecologia necessita de ser traduzida em novos hábitos e políticas públicas. Para gerar tais hábitos e leis, precisamos de instituições como as vossas que cultivem virtudes sociais que facilitem o

florescer de uma nova solidariedade global, que nos permita escapar do individualismo e do consumismo e que nos motivem a questionar os mitos de um progresso material indefinido e de um mercado sem regras justas [38].

Espero que este Congresso produza uma sinergia suficiente para propor linhas de ação concretas do ponto de vista dos trabalhadores, caminhos que nos levarão a um desenvolvimento humano integral, sustentável e solidário.

Agradeço-lhe de novo a si, senhor cardeal, e a todos aqueles que participaram e contribuíram, a todos dou a minha bênção,

Vaticano, 23 de novembro de 2017

Francisco

---

[1] Beato Paulo VI, 1967, *Populorum Progressio*, 14.

[2] Papa Francisco, 2017, Discurso à Confederação Italiana de Sindicatos de Trabalhadores (CISL), 28 junho 2017.

[3] São João Paulo II, 1981, *Laborem Exercens*, 3.

[4] Pontifício Conselho Justiça e Paz, 2005, Compendio da Doutrina Social da Igreja, 269.

[5] Cf. Conc. Ecum. Vat. II, 1966, Const. past. sobre a Igreja no Mundo atual *Gaudium et Spes*, 34; São João Paulo II, 1981, *Laborem Exercens*, 25.

[6] *Laborem Exercens*, 6.

[7] Compendio da Doutrina Social da Igreja, 261.

[8] Compêndio da Doutrina Social da Igreja, 265. [Santo Ambrósio, De obitu Valentiniani consolatio, 62].

[9] São João Paulo II, 1991, *Centesimus Annus*, 31.

[10] Compêndio da Doutrina Social da Igreja, 273; cf. Papa Francisco, 2015, *Laudato Si'*, 125.

[11] Cf. Discurso à Confederação Italiana de Sindicatos de Trabalhadores (CISL); y *Laudato Si'*, 231.

[12] Cf. *Laborem Exercens*, 7.

[13] Cf. Compêndio da Doutrina Social da Igreja, 276.

[14] Papa Francisco, 2013, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, 203.

[15] Cf. *Evangelii Gaudium*, 204.

[16] Cf. *Evangelii Gaudium*, 205.

[17] Cf. Discurso à Confederação Italiana de Sindicatos de Trabalhadores (CISL).

[18] Cf. Compêndio da Doutrina Social da Igreja, 272.

[19] *Laudato Si'*, 53.

[20] Cf. *Laudato Si'*, 16, 91, 117, 138, 240.

[21] Cf. Papa Francisco, 2016, Discurso aos participantes do encontro mundial dos movimentos populares, Sala Paulo VI, 5 de novembro de 2016.

[22] Cf. *Laudato Si'*, 93.

[23] Conc. Ecum. Vat. II, 1966, Const. Past. sobre a Igreja no Mundo Atual *Gaudium et Spes*, 69.

[24] Cf. Compêndio da Doutrina Social da Igreja, 283.

[25] *Laudato Si'*, 93.

[26] *Laudato Si'*, 18.

[27] Cf. *Laudato Si'*, 102-206.

[28] Cf. Manyika, J., 2016, «Technology, jobs, and the future of work». McKinsey Global Institute. Nota informativa preparada para o Fórum Mundial Fortune-Time no Vaticano, dezembro 2016 (atualizada em fevereiro 2017).

[29] Trata-se de um perigoso «relativismo prático» (Papa Francisco, 2015, *Laudato Si'*, 122).

[30] Cf. Discurso à Confederação Italiana de Sindicatos de Trabalhadores (CISL).

[31] Cf. *Laudato Si'*, 3, 14.

[32] Cf. *Laudato Si'*, 202.

[33] Cf. *Laudato Si'*, 14, 58, 159, 172, 227.

[34] Cf. Discurso à Confederação Italiana de Sindicatos de Trabalhadores (CISL).

[35] Cf. Discurso à Confederação Italiana de Sindicatos de Trabalhadores (CISL).

[36] Cf. *Evangelii Gaudium*, 60.

[37] *Laudato Si'*, 197.

[38] *Laudato Si'*, 209-2015.